

Economia

CONSTRUÇÃO CIVIL

Trabalhador da construção na RMPA está mais velho

Dado acende alerta por conta das exigências físicas da profissão

Guilherme Daroit

daroit@jornaldocomercio.com.br

Tradicionalmente visto como um mercado para mão de obra de pouca escolaridade e informal, a construção vem passando por outro processo nesta década. Segundo dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-RMPA), desde pelo menos 2011 o perfil do trabalhador da construção na Grande Porto Alegre está envelhecendo, graças a uma menor entrada de jovens na ocupação e à permanência dos mais velhos por mais tempo na atividade. A constatação é preocupante, segundo os pesquisadores, na medida em que o setor exige capacidades físicas que tendem a se perder com a idade.

Entre 2011 e 2016, a parcela de jovens entre 16 e 24 anos de idade no total de ocupados na construção na Região Metropolitana caiu de 15% para 10,9%. Ao mesmo tempo, os trabalhadores com 60 anos ou mais aumentaram sua participação, de 7,3% para 9,9%. Mais da metade, 54,1%, está acima dos 40 anos de idade. Parte do movimento é reflexo natural da transição demográfica pela qual passa a população da região, que está ficando mais velha. Há, em comum com os outros setores, também a postergação da entrada dos jovens no mercado de trabalho - a parcela de jovens que só estudam passou de 17% no fim dos anos 1990 para 30% no ano passado.

“O aumento dos idosos na construção acende uma luz vermelha em relação a políticas públicas pela natureza da atividade”, comenta Virginia Donoso, economista do Dieese, uma das entidades que produz a PED-RMPA. Mesmo com a mudança es-



JOÃO MATTOS/ARQUIVO/JC

Ingresso de jovens no segmento recuou entre 2011 e 2016

trutural da população, porém, outros dados da pesquisa ajudam a explicar a permanência dos idosos na profissão, ainda que o avançar da idade comprometa as habilidades necessárias. “Por ser um trabalhador com baixa escolaridade, não consegue migrar para outra atividade. Além disso, como grande parte não contribui para a Previdência, precisam se manter na ativa porque não conseguem se aposentar”, explica Iracema Castelo Branco, economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE), outra das instituições que mantém a pesquisa.

No ano passado, 44,1% dos ocupados na construção não haviam completado nem o Ensino Fundamental. O índice vem melhorando (em 2011 eram 52,2%), mas ainda é bastante elevado em relação a outros setores. A situação é ainda mais crítica na construção de edifícios (48,8%) do que nos serviços especializados para construção, categoria que inclui, por exemplo, eletricitistas, azulejistas e outros especialistas, onde os trabalhadores sem o Ensino Fundamental são 31,6%.

Em relação à Previdência, apenas 56,8% dos ocupados na construção contribuem com o sistema, parcela semelhante aos 56,2% encontrados em 2011. A participação, entretanto, ainda fica muito aquém se comparada com a vista no total dos trabalhadores da Região Metropolitana, onde 83,1% dos ocupados contribuem para a Previdência. Muito disso explicado pela grande participação de autônomos na força de trabalho da construção: eles foram 45,4% em 2016, enquanto representavam apenas 13,7% no total de ocupados da região.

Ao todo, a construção empregou 120 mil pessoas em 2016, menor contingente da década (o máximo foram as 128 mil encontradas em 2012). Destas, 95,4% são do sexo masculino, e 69,1% são chefes de família. Por segmentos, 73,5% atuam na construção e incorporação de edifícios; 24,3%, nos serviços especializados; e pouco mais de 2%, em obras de infraestrutura, embora esse último não seja divulgado pela pesquisa por falta de amostra.

Atividade e emprego do setor registram queda em abril, diz CNI

A indústria da construção civil continua com a atividade e o emprego em queda no mês de abril, mas as expectativas dos empresários estão um pouco menos pessimistas, de acordo com pesquisa divulgada nesta quinta-feira pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O indicador que mede o nível de atividades ficou em 43,3 pontos (ante 44,5 pontos no mês anterior). Pela metodologia da pesquisa, números abaixo de 50 pontos representam queda.

O índice do número de empregados também permaneceu em queda, em 42,3 (ante 41,7). A utilização da capacidade instalada foi em média de 56% em abril, igual ao registrado em março.

Já o índice de expectativa em relação ao nível de atividade para os próximos meses ficou em 50,5 pontos, o que indica estabilidade. No mês anterior, estava em 50,4 e, em maio de 2016, em 40,6 pontos.

O indicador para o número de empregados ficou em 48,2 pontos, o de novos empreendimentos e serviços registrou 49,1 pontos, enquanto o de compras de insumos e matérias-primas ficou em 48,5 pontos. A intenção de investimento ficou em apenas 28,5 pontos, bem abaixo da linha divisória.

A pesquisa da CNI foi feita entre 2 e 12 de maio com 621 empresas, das quais 216 pequenas, 271 médias e 134 de grande porte.

Cbic entrega propostas ao governo e defende a continuidade das reformas

O presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic), José Carlos Rodrigues Martins, disse, nesta quinta-feira, após encontro com o presidente Michel Temer e o ministro chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha, que a crise política não pode comprometer o trâmite das propostas de reformas apresentadas pelo Palácio do Planalto.

“O que é vital é o aspecto da continuidade das reformas. Entregamos (ao presidente Temer) alguns aspectos necessários para a construção civil, mas principalmente apoio para a continuidade das reformas”, disse Martins sem entrar em detalhes sobre as propostas apresentadas. “Nossa visão é de que o Brasil não pode parar. Temos de continuar as coisas”, acrescentou.

Segundo o empresário, a aprovação das reformas, pelo Legislativo, será um sinal positivo a investidores estrangeiros.

“A gente pode ter duas leituras. Se nesse instante o Congresso cumprir a obrigação de discutir e aprovar as reformas que o Brasil necessita, o sinal que se dará ao exterior será maravilhoso, porque, mesmo com crise política, o Brasil continua andando”, disse.

“Agora, se o Congresso Nacional não fizer a parte dele, aí sim, poderá ter algum problema. Neste momento, depende muito mais do Poder Legislativo do que realmente do Poder Executivo”, completou.

Além da construção, Martins citou outros setores que estão no aguardo das reformas. “Sem credibilidade no futuro, sem previsibilidade, não há investimento. Ninguém compra uma casa se não tiver certeza que terá o seu emprego amanhã. A mesma coisa com a indústria, a mesma coisa com o comércio. Então, a sobrevivência do setor é nós termos essas reformas aprovadas.”

MARCOS CORRÊA/PR/JC



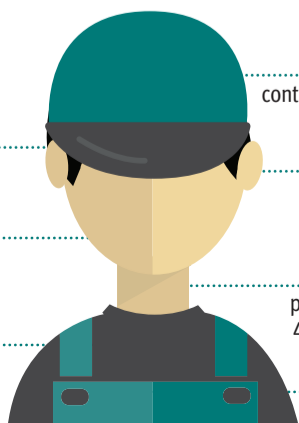
Martins (c) se reuniu, nesta quinta-feira, com Padilha e Michel Temer

OS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO NA RMPA (2016)

120 mil trabalhadores

7,1% do total de ocupados da RMPA

95,4% são do sexo masculino



56,8% contribuem para a Previdência

44,1% não completaram o Ens. Fundamental

54,1% possuem mais de 40 anos de idade

45,4% são autônomos